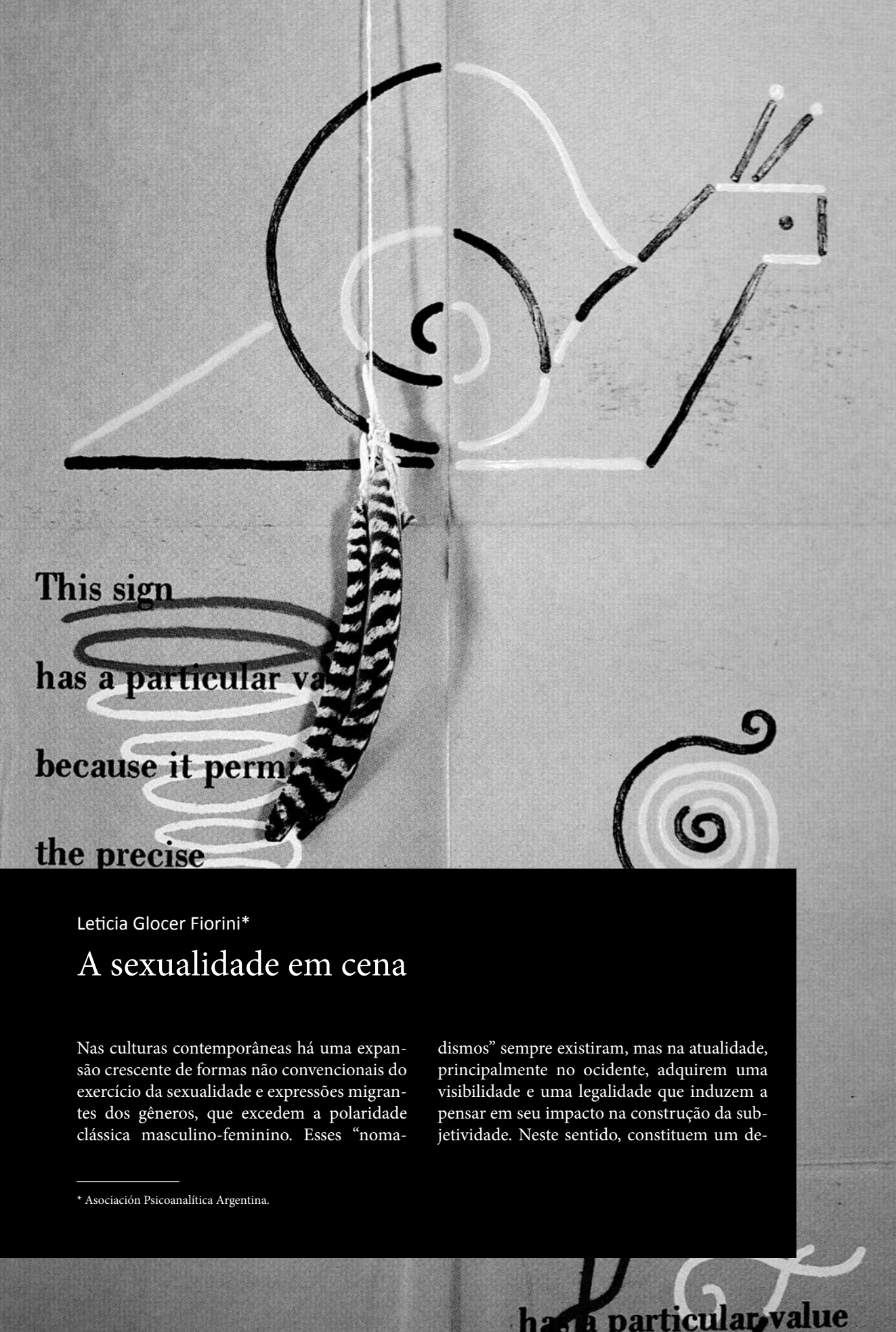




This sign
has a particular value
because it permits
the precise

Leticia Glocer Fiorini*

A sexualidade em cena

Nas culturas contemporâneas há uma expansão crescente de formas não convencionais do exercício da sexualidade e expressões migrantes dos gêneros, que excedem a polaridade clássica masculino-feminino. Esses “noma-

dismos” sempre existiram, mas na atualidade, principalmente no ocidente, adquirem uma visibilidade e uma legalidade que induzem a pensar em seu impacto na construção da subjetividade. Neste sentido, constituem um de-

safo para o campo psicanalítico uma vez que põem em jogo o trabalho clínico e, certamente, as ferramentas teóricas com que se “escuta” e se interpreta no curso de uma análise.

A isso agrega-se a formação de novas maneiras de organização familiar que resulta na necessidade de repensar as funções materna e paterna tal como estão estabelecidas classicamente, assim como o desejo de filhos por parte de casais não convencionais (Glocer Fiorini, 2001, 2013). Estão implicados a estruturação do laço social e seus efeitos na subjetividade.

Estamos frente a questionamentos que exigem uma revisão de muitas suposições consideradas inabaláveis. Procuram-nos homossexuais cujas problemáticas são da ordem dos conflitos neuróticos; casais do mesmo sexo com filhos, biológicos ou não, com conflitos familiares que não se diferenciam daqueles da família clássica, nuclear, com base na heterossexualidade. Também nos procuram os filhos de casais homossexuais cuja sexualidade, identidade sexual, capacidades sublimatórias e de inserção social não se diferenciam, significativamente, dos filhos de casais heterossexuais, com seus conflitos e problemáticas.

Organizações clínicas neuróticas, perversas ou psicóticas podem ser vistas tanto na heterossexualidade quanto na homossexualidade. A escolha de objeto de um casal do mesmo sexo não deveria ser homologada automaticamente como perversão. Na singularidade de cada paciente será possível analisar as suas determinações.

Com respeito à sexualidade, recordamos que Freud já havia observado que a sexualidade sempre funciona, por definição, no excesso. Esta tendência a “transbordar” com respeito às normas e convenções, é uma marca de origem. Da mesma maneira, a noção de transgênero transborda os gêneros clássicos, masculino e feminino.

Freud havia explicitado que o complexo de Édipo-castração era um organizador para derivar o “caos pulsional” a uma ordem de sexualidade e identidade sexual. Atualmente, essa proposta parece ser insuficiente para explicar o acesso a um universo simbólico em cada sujeito, ainda que seja útil como ferramenta de análise quando se apresenta eventualmente como um fato clínico.

Então, em que sentido a psicanálise está envolvida?

Por um lado, se dirá que nada disso afeta o campo psicanalítico que já teria estabelecida a sua teoria a este respeito. Para Freud (1923, 1924), o complexo de Édipo-castração organiza o campo da sexualidade e do desejo; para Klein (1945), o acesso à posição depressiva; para Lacan (1972-73, 1973), o atravessamento do fantasma com diminuição do gozo em favor do campo desejante, em um sentido simbólico. Nesse contexto, a psicanálise responde a uma narrativa sobre os gêneros masculino e feminino e constrói uma teoria sobre a diferença sexual que desemboca na escolha heterossexual do objeto e em identificações com o progenitor ou substitutos do mesmo sexo/gênero.

Por outro lado, é indispensável rever se a determinação heterossexual é suficientemente explicativa para o desenvolvimento dos processos de sexuação e se deveria ser considerada como um ideal normativo que marcaria o acesso a um universo simbólico. Isso conduz a repensar o complexo de Édipo-castração, sua travessia e determinações, e analisar se corresponde às problemáticas que atualmente muitos pacientes, homens e mulheres, tem apresentado.

A heterossexualidade é apenas uma definição se não forem analisados os fantasmas inconscientes. Às vezes coexiste também com fenômenos de *cross dressing* ou travestismo ocasional. Por isso, a questão é se a categoria “diferença” está incorporada seja qual for a orientação sexual e a escolha do objeto (hétero ou homossexual). A nosso ver, não se trata apenas da diferença sexual e de gêneros, mas também da diferença no campo linguístico e discursivo (Glocer Fiorini, 2015). A isto é necessário acrescentar a diferença como movimento (Deleuze, 1968) e a diferença como distinção (Heidegger, 1988). Fundamentalmente, trata-se do reconhecimento da alteridade como forma *princeps de acesso* à categoria diferença (Fraisse, 1996). Em outras palavras, a heterossexualidade por si só não define o acesso a um universo simbólico de laços sociais.

Nesse contexto, não é possível excluir a posição do analista, as teorias de que dispõe, suas crenças, ideologia, preconceitos, sobre a

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

polaridade masculino-feminino. Isso tem um impacto na contratransferência e nas expectativas de “cura” para os seus pacientes.

Estas questões nos remetem às teorias implícitas e metateorias que sustentam nossas teorias sobre a diferença sexual. O pensamento binário está em jogo. A polaridade dual masculino-feminino é insuficiente para compreender os itinerários da sexualidade e as mudanças que nos são apresentadas. Masculino-feminino são categorias de conteúdo incerto, demonstra Freud (1933 [1932]). Laplanche (1980) defendia que a polaridade masculino-feminino se aplicava ao gênero, mas não à sexualidade. Esta distinção entre gênero e sexualidade é importante porque o gênero alude à convicção de ser homem ou mulher, ou as dúvidas que se podem apresentar a respeito; em outra vertente, a sexualidade é parte do campo pulsional e do desejo e inclui a escolha do objeto hétero ou homossexual, assim como outras possibilidades. *As relações entre gênero e sexualidade são bidirecionais, recursivas: o gênero sugere caminhos para a sexualidade, e a sexualidade, para o gênero, incluídas suas incertezas.*

Por isso, minha proposta é ir além dos binarismos, buscar linhas de fuga entre as duas polaridades clássicas (Deleuze, 1995), trabalhar no limite, nas margens (Trías, 1991), para tentar encontrar outras formas de pensar as sexualidades e os gêneros não convencionais. O paradigma da complexidade (Morin, 1990) oferece a possibilidade de incluir outro tipo de pensamento, não binário, que sustenta variáveis heterogêneas, em tensão.

Nessa linha, percebo a necessidade de abordar uma forma de pensamento triádico que abarque três ou mais variáveis para pensar os processos de subjetivação sexuada (Glocer Fiorini, 2001, 2015). Não se trata de ignorar os binarismos que certamente são parte da linguagem e da cultura, mas sim de incluí-los em complexidades maiores.

É indispensável uma tarefa de desconstrução de verdades consideradas inabaláveis, que conduzam a novas construções, em um porvir teórico e experiencial. Vivemos uma época de mudanças e transições. Isso não significa necessariamente enfocá-las com uma visão apocalíptica. O apocalíptico são as guer-

ras, violências, discriminações. As buscas no campo libidinal respondem em sua maioria, a Eros. Trata-se, então, de uma oportunidade para abordar os processos de subjetivação, em movimento, como “acontecimento” (Badiou, 1999). O final é aberto...

Referências

- Badiou, A. (1999). *El ser y el acontecimiento*. Buenos Aires: Manantial.
- Deleuze, G. (1995). *Conversaciones*. Valencia: Pre-Textos.
- Deleuze, G. (2000). *Diferencia y repetición*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1968).
- Fraisse, G. (1996). *La diferencia de los sexos*. Buenos Aires: Manantial.
- Freud, S. (1976a). *El sepultamiento del complejo de Edipo*. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 177-188). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1976b). *El yo y el ello*. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 1-66). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1976c). *La femineidad*. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 22, pp. 104-125). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).
- Glocer Fiorini, L. (2001). *Lo femenino y el pensamiento complejo*. Buenos Aires: Lugar.
- Glocer Fiorini, L. (2013). Deconstruyendo el concepto de función paterna: Un paradigma interpelado. *Revista de Psicoanálisis*, 70(4), 671-681.
- Glocer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: Cuerpos, deseos y ficciones*. Buenos Aires: Lugar.
- Heidegger, M. (1988). *Identidad y diferencia*. Barcelona: Anthropos. (Trabalho original publicado em 1955-1957).
- Klein, M. (1964). El complejo de Edipo a la luz de las ansiedades tempranas. En M. Klein, *Contribuciones al psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé. (Trabalho original publicado em 1945).
- Lacan, J. (1974). *Los cuatro conceptos fundamentales*. Barcelona: Barral. (Trabalho original publicado em 1973).
- Lacan, J. (1981). *El seminario de Jacques Lacan, libro 20: Aún*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas 2: Castración. Simbolizaciones*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1980).
- Morin, E. (1995). *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1990).
- Trías, E. (1991). *Lógica del límite*. Barcelona: D